

2 - OS TURISTAS “NEGROS” NO TURISMO CARIOCA



Fig. 04 – Grupo ITC na Estação do Pão de Açúcar

Para pensarmos o universo dos turistas “negros” que visitam a cidade do Rio de Janeiro, primeiramente se faz necessário visualizar uma subdivisão crucial para sua compreensão, visto que meu trabalho de campo apontou dois grupos independentes visitando a cidade. O primeiro, é o segmento do “turismo étnico”, representado por aqueles turistas que visitam a cidade com o programas de foco “afro-brasileiro”, que foi o objeto inicial deste estudo. No entanto, com o decorrer da pesquisa, pude perceber a sutileza que demarcava a existência de um outro

segmento, que talvez não seja prematuro chamar de “turismo sexual”⁵⁴. Foi preciso, então, tentar estabelecer um caminho que pudesse possibilitar a delimitação referente a estes dois segmentos, de modo que facilitasse a compreensão de ambos e que permitisse continuar minha reflexão sobre aquele primeiro.

No que diz respeito ao segmento do “turismo sexual” irei me apoiar, sobretudo, no estudo pioneiro de Adriana Piscitelli, visto que a autora compartilha uma linha de pensamento em que este “é conceitualizado como qualquer experiência de viagem na qual a prestação de serviços sexuais da população local, em troca de retribuições monetárias e não monetárias, seja um elemento crucial para a fruição da viagem”. Além dos estudos de Piscitelli, utilizarei os artigos “Nossa Senhora da *Help*: sexo, turismo e deslocamento transnacional na orla de Copacabana” (2004) e “A mistura clássica: o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual” (200?) ambos, produzidos por Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva, e circunscritos ao universo do “turismo sexual” em Copacabana, no Rio de Janeiro.

⁵⁴ Ver Piscitelli (2001:4).

2.1 Demarcando limites: “turismo étnico” vs. “turismo sexual”

É preciso ter clara consciência de que os propósitos, as características e a dinâmica aos quais se circunscrevem aqueles turistas interessados no “turismo étnico”, nada, ou muito pouco, têm a ver com os do universo do mercado do sexo e dos afetos no Rio de Janeiro. É bem verdade que algumas vezes os dois universos apresentam fronteiras que se “borram” a ponto de se confundirem, visto que um “turista sexual” é, antes de qualquer coisa, um “turista”. No entanto, ao observarmos e articularmos determinado conjunto de fatores no meio em que se dão estas dinâmicas, é possível uma aproximação maior ou menor do “universo do turismo sexual”. Penso não ser correto pretender que o “etnoturista” que vem à “Cidade Maravilhosa” e que não tenha nenhum envolvimento com a prostituição praticada na “orla da Baixa Copacabana”⁵⁵, em última instância, não tenha como ser diferenciado daquele que vem especificamente com propósitos sexuais⁵⁶. Gostaria de deixar claro que em momento algum tive a intenção, neste estudo, de hierarquizar ou valorizar o “universo do turismo sexual” em oposição ao do “turismo étnico”. No entanto, considero oportuno pontuar que ambos os universos são perfeitamente identificáveis, não cabendo se deixar enganar pelo “discurso da invisibilidade do turismo sexual”, já criticado por Blanchette e Silva em “Nossa Senhora da Help”. Além disto, durante meu campo, apareceram suposições de que o “turismo étnico” não estaria sendo incentivado pelas vias governamentais devido à crença de que este estaria aumentando o universo do turismo sexual. De fato, como veremos mais adiante, é sabido que o número de “turistas sexuais negros” teve um aumento significativo nos últimos anos; no entanto, como demonstrarei neste capítulo, é um grave equívoco pensar que este aumento esteja relacionado com o que aqui estou chamando de turismo “étnico”, e que não incentivar o crescimento deste segundo teria qualquer influência no avanço do primeiro.

⁵⁵ Para referências sobre a prostituição em Copacabana ver Gaspar (1984); Blanchette e Silva (2004).

⁵⁶ Ver Blanchette e Silva (2004:2).

Dito isto, é preciso fazer algumas ponderações sobre o tema: (1) Nem todo turista “negro” norte-americano no Rio de Janeiro é um “etnoturista”; (2) Existem aqueles turistas “negros”⁵⁷ norte-americanos que vêm ao Rio de Janeiro exclusivamente para o “turismo sexual”, e que nada têm a ver com o “turismo étnico”. Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva, afirmam que “nos últimos dez anos houve uma onda crescente de turismo sexual no Rio de Janeiro protagonizado por norte-americanos negros”; (3) Alguns “etnoturistas” podem se transformar em “turistas sexuais acidentais”⁵⁸, durante a estadia, devido às circunstâncias. Esta expressão é utilizada por Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva em referência ao turista que “explica o fato de estar à procura de garotas de programa pela conjuntura de estar no Rio de Janeiro (cidade onde o sexo livre e abundante é considerado ‘natural’ ou ‘normal’)” e que considera o acontecido como “algo excepcional, não esperado no decorrer da vida normal”.

Para além disto, está o fato de que os “turistas sexuais ‘negros’” norte-americanos se mostraram como um interessante exemplo de negociação na tensão existente entre o ‘modo bi-polar’ e o ideal de ‘democracia racial’”.

Para entrar em tal discussão, precisamos definir o quadro teórico pelo qual adicionaremos ao nosso repertório o eixo sexualidade. Vejamos:

Afirmando que “nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais [...] têm sido modelados no interior de relações definidas de poder”, Jeffrey Weeks, em um texto intitulado “O corpo e a sexualidade”, mostra, dentre outras coisas, a sexualidade como uma construção social e assinala sua centralidade para o modo como o poder atua na sociedade moderna. Segundo ele, as relações de poder, em particular no que diz respeito “às suas conexões com gênero, classe e ‘raça’, tornam-se significativas para a definição do comportamento sexual”⁵⁹.

⁵⁷ Ver Blanchette e Silva, retirado da internet (http://www.leituracritica.net/lc041210_artigo3.php) em 16 de maio de 2005.

⁵⁸ Ver Blanchette e Silva (2004:17).

⁵⁹ Ver Weeks, J (1999:38).

O autor desenvolve de forma instigante como “nosso conceito de sexualidade tem uma história”, argumentando que uma variedade de linguagem nos diz “o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser”. Assim como Carole Vance⁶⁰, aponta a “História da Sexualidade” de Michel Foucault como um marco teórico da abordagem do “construtivismo social” no contexto da história e da sociologia da sexualidade. E, ao citar o referido autor, afirma que o sexo oferece “um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população como um todo”. O poder, diria ele, “atuaria através de mecanismos complexos e superpostos”, produtores de estruturas de dominação e subordinação nas quais “três eixos interdependentes têm sido vistos, atualmente, como particularmente importantes: os da classe, do gênero e da raça”⁶¹.

Weeks acrescenta, ainda, que nossa cultura atribui extrema importância à sexualidade, a qual seria “construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo” e que a mesma, por sua vez, “é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade e com a sociedade”⁶². Ou seja, que os debates sobre sexualidade seriam debates sobre a natureza de determinada sociedade, na qual o poder atuaria por meio de mecanismos complexos e superpostos de controle, produzindo subordinações e resistências. A sexualidade estaria entremeada por relações superpostas de poder, nas quais a questão da diferença seria central no jogo de forças que determinam os padrões sociais. As diferenças de classe, gênero e “raça” nessas relações de poder são determinantes no que diz respeito à forma como a sociedade constrói certos padrões de comportamento e demonstra a complexidade das forças que modelam as atitudes e o comportamento sexual.

Minha intenção ao utilizar aqui os “turistas sexuais ‘negros’” norte-americanos é a de materializar a complexidade desses três eixos propostos por

⁶⁰ Ver Vance, C. (1995:12).

⁶¹ Ver Weeks, J. (1999:55).

⁶² Ver Weeks, J. (1999:51-52).

Weeks: (1) O fato de serem norte-americanos é significativo para o eixo classe. Ainda que em uma perspectiva de relações internacionais, se pensarmos no par de oposição EUA/Brasil no contexto que estou propondo, a diferença de classe é explícita e abre espaço para uma reflexão sobre as relações de poder Norte/Sul no que tange ao “turismo sexual”. Piscitelli toma como base o trabalho de Truong (1990) para vincular o turismo sexual “às relações entre homens de países desenvolvidos e nativas de nações pobres à prostituição”, considerando o “resultado de uma série de relações sociais desiguais, incluindo relações entre Norte e Sul, capital e trabalho, produção e reprodução, homens e mulheres”. Esta visão se articula perfeitamente com a superposição de poderes proposta por Weeks; (2) O fato de serem “negros” possibilita rever como se dá a relação de poder ao acionarmos o eixo “raça”, visto existir uma variação curiosa no clássico par de oposição Homem/Branco/Estrangeiro/Opressor e a Mulher/Mestiça/Brasileira/Oprimida⁶³, sob os quais operam tanto a historiografia brasileira clássica⁶⁴ quanto os estudos sobre “turismo sexual”; (3) Já com relação ao eixo gênero, estou partindo da afirmativa de Joan Scott de que este não pode ser considerado como um subproduto de estruturas econômicas⁶⁵, e como veremos a seguir, no caso dos “grupos de turismo étnico” no Rio de Janeiro, os papéis de gênero se mostram muito bem marcados neste mercado.

Ainda que não tenha se referido a “negros” estrangeiros, Laura Moutinho já apontou esta variação no par de oposição clássico existente na historiografia brasileira. Em seu livro *Razão, "cor" e "desejo"*, a autora apresenta um par de oposição que inclui o homem “negro” brasileiro na relação afetivo-sexual “inter-racial”, ampliando a compreensão das relações sociais e raciais no Brasil e tomando por via a sexualidade, o erotismo e o desejo circunscritos a essa combinação⁶⁶. Ao pensar sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais”, a autora mostra como alguns autores “perceberam as idéias de ‘raça’, mestiçagem e erotismo como temas centrais da constituição da nacionalidade brasileira” em

⁶³ Ver Moutinho, L. (2004:cap. 4).

⁶⁴ Ver Moutinho, L. (2004:cap. 2).

⁶⁵ Ver Scott, J. (1995:80).

⁶⁶ Ver Moutinho (2004:cap. 4).

determinados momentos de suas reflexões. Tendo como foco de sua atenção o “casal miscigenador”, analisa os escritos desde o chamado “pai do racismo” científico, Conde de Gobineau, até às *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, passando por Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Paulo Prado e Gilberto Freyre. A autora mostra como, nesses clássicos, a categoria mestiçagem emerge enquanto a “linguagem que orchestra as diferenças e hierarquias entre os sexos” e como “foram fundamentais na constituição de nossa idéia de nação”.⁶⁷

Dei-me conta da importância de se tratarem de dois subgrupos de turistas “negros” distintos ao ser interpelado por um amigo com relação ao tipo de turista que estava estudando. Vejamos:

“É verdade, tem muitos turistas ‘negros’ norte-americanos em Copacabana! É incrível que eu não tivesse percebido antes. Depois que soube do que se tratava sua pesquisa, comecei a me dar conta de como podem ser claramente identificados pelas ruas.”

“[...]o engraçado é que estão sempre em grupos de dois ou três homens. Pode observar, são sempre grupinhos pequenos! Mas, me explique uma coisa: só vêm homens?”

É verdade que ao andarmos por Copacabana, como já mencionado anteriormente, deparamos com uma quantidade singular de turistas, visto estar ali o termômetro do turismo nacional. Também é verdade que, dentre os turistas que por ali transitam, encontraremos uma quantidade significativa de “*African-Americans*”. No entanto, o grupo ao qual tinha me dedicado em princípio neste trabalho, não eram os pares ou trios só de homens que são vistos durante todo o dia em Copacabana, mas sim um outro subgrupo que, na maioria das vezes,

⁶⁷ Ver Moutinho (2004:cap. 2).

tem uma programação tão intensa que muito pouco tempo livre lhes resta para circular pelas ruas do bairro .

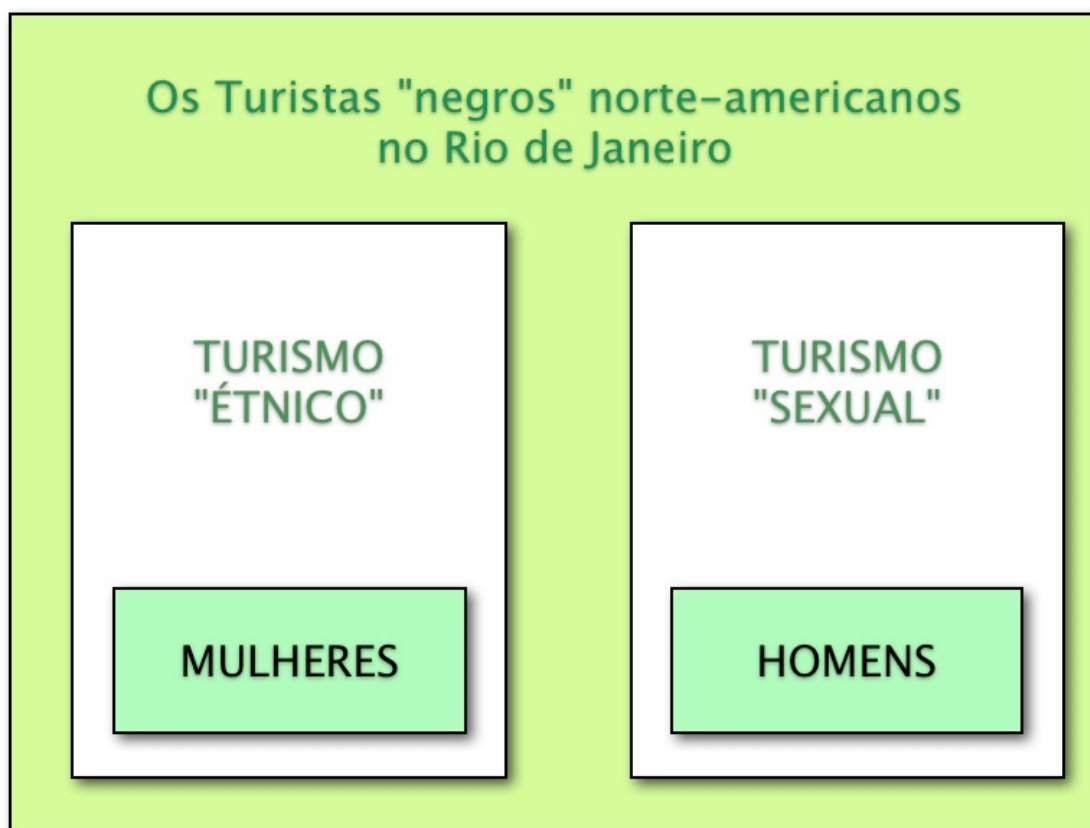


Fig. 05 – “Turismo étnico” vs. “Turismo sexual”

Outro fator importante que me fez incluir esta reflexão inicial sobre o “turismo sexual”, no que tange turistas “negros” norte-americanos, foi o fato de que os grupos que fizeram parte do meu campo terem sido incluídos aleatoriamente⁶⁸. São as agências que escolhem os guias e, devido a esta dinâmica, acabei sendo agendado para o carnaval de 2005 para trabalhar com um grupo de “negros” atípico para este mercado, visto que a maioria dos participantes eram homens, contrariando uma das características principais dos grupos de “negros” norte-americanos, que é ser majoritariamente formado por mulheres sozinhas e mulheres que vêm acompanhadas por membros da família (marido ou filha ou

⁶⁸ Os Guias de turismo no Brasil são profissionais autônomos. Ou seja, organizam suas agendas de trabalho conforme a ordem em que os mesmos lhes são ofertados; assim, sempre dependem de serem chamados por uma ou outra agência. Trabalham para várias agências, o que faz com que a primeira a ligar e reservar certo período, seja a escolhida.

irmã). Este grupo do carnaval de 2005 tinha, entre seus componentes, 80% de pessoas do sexo masculino. Uma inversão, se comparado a todos os outros grupos do meu campo.

A fala da agente de viagens que me contratara pode, por outro lado, nos ajudar a visualizar a desconfiança que tais grupos geralmente despertam no *trade* turístico carioca:

“[...] preciso te dizer uma coisa Marcelo: seu grupo é quase só de homens! Eu juro que não sabia, vim saber ontem quando a agência de Nova York me enviou a listagem de passageiros. Bem, quase dez homens sozinhos no Rio de Janeiro pro carnaval... sabemos que eles vêm para sexo, só não sabemos para que lado! Se forem gays, sabemos que comprarão excursões, mas se forem heteros... enfim, se forem heteros você vai pelo menos ter os dias livres para brincar o carnaval!”

De fato, meu grupo do carnaval tinha oito homens e duas mulheres e, a profecia se cumpriria: como se anunciaram enquanto heteros, mais da metade do grupo desapareceu durante a estadia, visto que 60% deles eu só viria a ver novamente durante o traslado de volta para o aeroporto, no dia da saída. Aliás, esta metade nem mesmo aparecera para a excursão que já havia sido paga como parte do pacote. Porém, quatro passageiros apareceram para o *tour* ao Corcovado e ali, tive a possibilidade de começar a pensar em uma possível demarcação dos limites entre o universo dos “etnoturistas” e o dos “turistas sexuais”.

Como se eu não desconfiasse do provável motivo pelo qual os outros seis homens não tinham comparecido ao *tour* do Corcovado, perguntei a uma das mulheres o que acontecera. Esta, visivelmente desapontada, me dissera que os outros estariam provavelmente dormindo, “visto que eram nove horas da manhã

e eles teriam passado suas três últimas noites muito ocupados com suas conhecidas na ‘Help’⁶⁹. Logo em seguida, a mesma turista me diria:

“Você sabe do que eu estou falando, não sabe? ...pode dizer! Eu estive lá ontem. E foi muito ESCLARECEDOR (*eye-opening*) ter estado lá!... porque ficou muito claro para mim (*it made clear to me*) que os nossos homens, “*African-Americans*”, não necessariamente preferem mulheres de cor (*colored women*)! Definitivamente não, a partir do que vi com os meus próprios olhos ontem... *VERY EYE-OPENNING!*”

Esta fala denunciou, em princípio, duas coisas: a primeira seria relativa à reprovação feminina com relação ao envolvimento de “negros” americanos no circuito do “turismo sexual”; a segunda seria o desconforto com que esta turista “negra” estava interpretando a não-racialização, por parte de seus pares masculinos, na escolha de suas parceiras na dinâmica do “turismo sexual” carioca.

Foi a partir daí que resolvi dar mais atenção ao “turismo sexual”, por parecer que ali, como ela mesma teria insinuado, algo de “esclarecedor” (*eye-opening*) poderia ser encontrado no que diz respeito às “relações raciais” no Brasil, envolvendo homens “negros” norte-americanos. Afinal, a preferência pela bipolarização começava a se mostrar menos unânime do que parecia. Além do mais, os trabalhos sobre “turismo sexual” no Brasil que conhecia até então, se restringiam àqueles produzidos pioneiramente por Adriana Piscitelli, qual se circunscreve ao mesmo par de oposição utilizado pela historiografia clássica.

Os outros dois trabalhos que utilizo, de Blanchette e Silva, são relativamente novos, e posteriores ao início desta pesquisa. Segundo estes autores, seguindo

⁶⁹ Blanchette e Silva já teriam mencionado que “a gerência da Help faz questão de que a boate seja internacionalmente reconhecida como o maior e mais famoso local de encontro entre ‘meninas’ brasileiras e turistas estrangeiros”. Ver Blanchette e Silva (2004:6-7).

os passos de Maria Dulce Gaspar no conhecido *Garotas de Programa*, Copacabana seria “uma área entendida no universo carioca como uma região moral tipificada pela presença de prostitutas e estrangeiros”⁷⁰, em outras palavras, o *locus* do turismo sexual na Cidade Maravilhosa. No entanto, nestes trabalhos tampouco encontramos foco no turista “negro” norte-americano, apesar de encontrá-los mencionados um par de vezes.

Levando em consideração que este *locus* do “Turismo Sexual” se confunde com o do “turismo étnico”, apontarei algumas características que nos ajudem a delimitar os dois universos. É preciso mencionar que, em momento algum esta delimitação tem a pretensão de esgotar o tema; ela é, sobretudo, um mapeamento inicial das especificidades de cada um destes universos.

Apresentarei, separadamente, os treze itens⁷¹ que vejo como relevantes, inicialmente, nesta diferenciação. Discutirei cada um deles, apontando as particularidades referentes a ambos os universos. Vejamos:

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
1	Grupos	Individuais

Primeiramente, observei que, na grande maioria das vezes em que os agentes de viagens brasileiros se referem a “programas étnicos”, se referem também a grupos de turistas com 15 ou mais passageiros. No caso do “turista sexual”, este geralmente viaja sozinho, em duplas ou trios, mas nunca em grupos.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
--	-----------------------	---------------------------

⁷⁰ Idem (2004:2).

⁷¹ Os treze itens estão apresentados sob a forma de uma única tabela no ANEXO 9 desta dissertação, sob o título de “Quadro comparativo: “Turismo étnico” vs. “Turismo sexual”.

2	Maior parte composto por mulheres sozinhas ou acompanhadas por membros da família (marido ou filha ou irmã)	Composto somente por homens
----------	---	-----------------------------

Em segundo lugar, foi bem marcante, no caso do turismo étnico, o fato de que a grande maioria dos turistas eram mulheres: dentre os grupos que observei, 74,8% dos turistas eram de sexo feminino. Segundo a literatura produzida no Brasil até então, o turismo sexual tem se circunscrito ao universo masculino, não se tem notícia de mulheres praticantes de turismo sexual no Rio de Janeiro. Este fato é revelador, porque mostra que o universo dos turistas “negros” norte-americanos no Rio de Janeiro está subdividido a partir de um recorte de gênero, em que o “étnico” é basicamente composto pelo feminino, enquanto o “sexual” é exclusivamente composto pelo masculino.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
3	Têm programas turísticos intensos.	Visitam o Corcovado e/ou Pão de Açúcar, quando muito.

Outro fator importante a ser considerado é a intensidade dos programas de turismo “étnico”, nos quais os turistas têm programações diárias que ocupam a maior parte de seus dias. Já o “sexual” se circunscreve à área da “baixa Copacabana” e, na grande parte das vezes, não está vinculado a nenhum programa turístico diário. Eles passam a noite nas danceterias de prostituição, principalmente na “Help”, e geralmente passam as manhãs dormindo.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
--	-----------------------	---------------------------

4	Demonstram interesse de retornar, no futuro.	Retornam várias vezes ao Rio de Janeiro, com intervalos médios de 6 a 12 meses, entre uma estadia e outra.
----------	--	--

Os “etno” demonstram o interesse de retornar no futuro, não necessariamente pontuando quando. Já os “sexuais” retornam com certa assiduidade, pelo menos uma vez ao ano. No dia da saída para o aeroporto, do grupo com o qual trabalhei no carnaval 2005, fui informado a razão pela qual a maioria dos homens não terem comparecido à excursão ao Corcovado: “já conheciam o Rio muito bem visto ser aquela a quarta ou quinta vez que cada um deles vinha à cidade nos últimos três anos”.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
5	Difícilmente têm envolvimento afetivo-sexual com os brasileiros.	O interesse sexual é o objetivo central da viagem, que algumas vezes resulta em envolvimento afetivo.

Devido ao pouco tempo livre disponível pelos turistas de roteiros “étnicos”, existe pouca possibilidade de envolvimento afetivo-sexual com os brasileiros. Ao passo que, no “sexual” este é o principal motivo da viagem, ainda que na maioria dos casos se restrinja à prostituição

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
6	Ficam hospedados em hotéis 4 ou 5 estrelas, na grande maioria	Alugam apartamentos por temporada, principalmente nas

	das vezes.	proximidades da discoteca “Help”.
--	------------	-----------------------------------

Todos os grupos que observei durante meu trabalho de campo ficaram hospedados em hotéis de quatro ou cinco estrelas, que já faziam parte de seus pacotes. No entanto, estes estabelecimentos têm, freqüentemente, impedido a entrada de acompanhantes (leia-se garotas de programa) nos quartos, o que tem feito com que os turistas sexuais cada vez mais aluguem apartamentos por temporada, nas proximidades da “Help”. Assim, podem levar quem e quantos acompanhantes quiserem.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
7	Têm interesse pela herança africana contida na sociedade brasileira.	Têm interesse pelo sexo com mulheres brasileiras, aparentemente não se importando com a “cor” das parceiras.

O discurso dos “etnoturistas”, durante todo o meu campo, foi norteado pelo interesse em conhecer as raízes africanas na cultura brasileira. Existe uma sobrevalorização do que é “negro” na reconhecida miscigenação da população do Brasil. Já no que diz respeito aos “turistas sexuais” não parece existir restrições ou imposições no que diz respeito à cor.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
8	Reconhecem a mistura mas criticam as “relações raciais” no Brasil, no que tange à não-racialização.	Acham que a mistura racial é a característica central da sociedade brasileira, parecendo não se importar com esta questão.

Os turistas do turismo “étnico” criticam o “ideal de democracia racial” pelo fato de, segundo eles, não refletir uma democracia econômica. Consideram que o fato de não existir uma “sociedade afro-brasileira” impede que os “negros” se ajudem entre si para melhorar sua condição econômica. Já os turistas “sexuais” afirmam entender que a sociedade brasileira seja assim, miscigenada.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
9	O período médio de estadia é de 7 a 10 dias, dentre os quais aproximadamente 4 dias dedicados ao Rio de Janeiro.	Estadia média de uma a duas semanas.

Como pude observar, os pacotes turísticos ditos “étnicos”, geralmente designam aproximadamente de 7 a 10 dias para os programas. Já os “turistas sexuais” permanecem um mínimo de uma semana, na maioria das vezes, podendo chegar a duas semanas.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
10	Visitam o Rio de Janeiro e Salvador, na maioria dos programas.	Visitam especificamente o Rio de Janeiro.

A diferença quanto ao tempo de estadia fica significativa ao observarmos que os etnoturistas, na grande maioria das vezes, visitam as cidades de Salvador e Rio de Janeiro, o que resulta em uma média de 4 dias de estadia na Cidade Maravilhosa, ao passo que os turistas “sexuais” passam seu tempo integralmente no Rio, na grande maioria das vezes.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
11	Exigem serviços prestados por brasileiros “afro-descendentes”.	Não se importam com a variedade étnica das prestadoras de serviços.

Uma das exiências mais comuns feitas pelos “etnoturistas” é que os prestadores de serviços utilizados sejam “afro-brasileiros”, o que, segundo eles, é uma forma de dar oportunidade econômica para essa parcela da população brasileira. Os turistas sexuais, no entanto, dizem não ter preferência por uma “cor” específica, afinal o Brasil é o país da miscigenação.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
12	Criticam o que chamam de “daltonismo racial” no Brasil, pondo em xeque a invisibilidade com que as “relações raciais” são tratadas.	Apreciam a “invisibilidade” com que transitam pelo Rio de Janeiro.

Os “etnoturistas” reclamam do fato de que sua própria raça não é reconhecida no Brasil. Segundo eles, parece que sua “cor” não é reconhecida, e consideram isso como uma deficiência no Brasil de reconhecer a existência de “negros”, como se existisse um “daltonismo racial” que impedisse ver a sua “cor”. Os turistas sexuais parecem transitar livremente no mercado do afetivo-sexual do Rio de Janeiro. Ambos apontam a inexistência de foco, por parte dos brasileiros, no que diz respeito à “raça”, uma certa invisibilidade. Porém,

interpretam de formas opostas: para os “etnoturistas” é negativo, porque parece negligenciar sua “negritude”; para os turistas “sexuais”, é positivo porque permite a mesma mobilidade que os outros turistas

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
13	A faixa etária média está entre 40 e 65 anos.	A faixa etária média está entre 30 e 45 anos.

A faixa etária média do turista que vem para o Rio de Janeiro para conhecer a herança africana está entre 40 e 65 anos; já os turistas que vêm em busca de sexo, aparentam, geralmente, entre 30 e 45 anos.

Esses foram alguns itens que, apesar de não fazerem muita diferença isoladamente, quando combinados permitem ver com maior clareza os dois universos separadamente. Obviamente que estas não são classificações estáticas, e podem variar de acordo com casos específicos; no entanto, a incidência de características de um ou outro grupo nos ajuda a visualizar o propósito da viagem do turista. Em síntese, se um homem “negro” norte-americano estiver visitando o Rio de Janeiro com outros propósitos que não os do “turismo sexual”, sua viagem muito provavelmente estará mais próxima das características do “etnoturista”.

Minha intenção, neste sub-item, foi tentar estabelecer a diferença crucial existente entre dois grupos distintos de turistas “negros” que visitam o Rio de Janeiro: os do segmento do “turismo étnico” e os do segmento do “turismo sexual”, por acreditar que esta seja uma diferença crucial para podermos visualizar os “etnoturistas” aos quais esta dissertação se refere. No próximo sub-item explicarei, a partir de uma tabela, os grupos que fizeram parte do meu trabalho de campo, em que apontarei os detalhes relevantes da pesquisa e do trabalho de campo.

2.2 Grupos utilizados no trabalho de campo

O trabalho de campo foi desenvolvido entre março de 2003 e março de 2005, como demonstrado na tabela abaixo, com grupos originários das cinco agências de viagens nacionais e seus pares norte-americanos que tiveram seus *websites* analisados no capítulo anterior. É importante remarcar que apesar da quase inexistência de menções sobre o segmento do “turismo étnico”, tanto pelo Ministério do Turismo quanto pelas agências de turismo brasileiras, as agências de turismo norte-americanas de fato vendem este produto. Os turistas destes grupos que relaciono abaixo se percebiam, quase na sua totalidade, como “turistas étnicos”. Vejamos:

	PERÍODO	NOME	AGÊNCIA USA/BRASIL	H	%	M	%	TOTAL
01	19/03 a 22/03/03	Radio Station – WBLS 2003	Trendsetters/BGT	69	31,2	152	68,8	221
02	18/08 a 21/08/03	Boa Morte 2003	Consolidated/Walpax	03	15,0	17	85,0	20
03	12/09 a 15/09/03	The African Heritage Tour	South Star/Havas	05	22,7	17	77,3	22
04	16/10 a 18/10/03	Afro-Heritage	South Star/Havas	06	24,0	19	76,0	25
05	20/11 a 22/11/03	Zumbi 2003	Consolidated/Walpax	13	22,0	46	78,0	59
06	25/02 a 01/03/04	Heritage Tour 2004	Equator3 tours/Blumar	05	26,3	14	73,7	19
07	20/03 a 23/03/04	Radio Station – WBLS 2004	Trendsetters/BGT	15	27,8	39	72,2	54
08	08/07 a 12/07/04	Brasil is Paradise/D'zert Club	Trendsetters/BGT	09	19,6	37	80,4	46
09	17/08 a 20/08/04	Boa Morte 2004	Consolidated/Walpax	04	33,3	08	66,7	12
10	02/10 a 05/10/04	Soul Planet	Brazil Nuts/BIT	02	10,6	17	89,4	19
11	29/10 a 01/11/04	Celebration to Life	Brazil Nuts/BIT	04	06,6	57	93,4	61
12	05/11 a 09/11/04	Fairview Greenburgh	Brazil Nuts/BIT	07	16,7	35	83,3	42
13	12/11 a 15/11/04	Zumbi (Dumas & White) '04	Consolidated/Walpax	06	28,6	15	71,4	21
14	24/11 a 26/11/04	Inspection/GRP KJLH	South Star/Havas	01	50,0	01	50,0	02
15	04/02 a 09/02/05	Gerena Carnival Group	Brazil Nuts/BIT	08	80,0	02	20,0	10
16	09/02 a 13/02/05	Heritage Tour 2005	Equator3/Blumar	08	36,4	14	63,6	22

17	16/03 a 20/03/05	Ministry in Global Perspective	Consolidated/Walpax	02	20.0	08	80.0	10
18	23/03 a 26/03/05	Radio Station – KJLH (L.A.)	South Star/Havas	16	30.8	36	69.2	52
TOTAL				165	25.2	490	74.8	655

Fig. 06 – Tabela de Grupos utilizados no trabalho de campo

A primeira coluna diz respeito ao período do ano em que estiveram no Rio de Janeiro e a duração de seus pacotes. Podemos observar que 50% dos grupos permaneceram na cidade durante 4 dias e que esta média varia de 3 a 6 dias. Este é o tempo utilizado pelas agências para apresentar desenvolver os pacotes turísticos que foram propostos.

Na segunda coluna, temos os nomes sob os quais estes grupos chegam à cidade e são identificados pelas agências. Não existe uma regra rígida que determine estes nomes, eles podem ser: o mesmo utilizado pelas agências nos seus pacotes padrão - como o “*Celebration of life*” das agências “Brazil Nuts” e “BIT” utilizado no grupo de número 11 na tabela por exemplo; homônimos das instituições que os organiza como as estações de rádio como a WBLS e a KJLH ou Associações particulares como o D’zert Club no grupo de número 08. Aliás, três dos grupos foram organizados por estações de rádio, na tabela os de número 01, 07 e 18, por isso levam seus nomes. A lógica é bem simples: uma estação de rádio promove um evento em um determinado destino, procura um agente de viagens norte-americano que organizará a viagem com um agente de viagens brasileiro. A rádio nada tem a ver com a organização e a logística do produto turístico, se concentram em agrupar seus ouvintes que viajarão juntos. Elas, no entanto, têm a opção de decidir o nome do Grupo. A WBLS de Nova Iorque por exemplo, promove uma viagem ao Brasil todos os anos no mês de março; seja por conta de eventos específicos como referentes à cultura negra no Brasil - como a festa de N. Sra. da Boa Morte na Bahia, o feriado de Zumbi dos Palmares no Rio de Janeiro e o Carnaval. “African Heritage” Exaltando a herança africana - é um nome bastante utilizado sob infinitas variações e muitas vezes é usado como sub-título das programações. Há outras opções possíveis

como nomes próprios – “Ministry in Global Perspective”, grupo de número 17, é o título de uma cadeira de pós-graduação. Por ora, gostaria de colocar em relevo que os nomes mais comuns dados aos grupos de turistas “negros” norte-americanos são aqueles que explicitam a herança africana no Brasil⁷², que resultam em infinitas variações como “*African Heritage*”, “*Afro-Heritage*” e “*Heritage*”. Outros dois nomes frequentemente encontrados são “Zumbi” devido ao feriado de Zumbi dos Palmares no Rio de Janeiro (Dia Nacional da Consciência Negra) e “Boa Morte” devido à festa de Nossa Senhora da Boa Morte na Bahia. Para além destes, estão aqueles que celebram o Brasil como o “*Brazil is Paradise*” e o “*Celebration of Life*”. Uma outra forma recorrente de nomear os grupos é a partir da instituição que os organiza, como por exemplo os programas das “*Radio Stations*” . O mais importante é atentarmos para o fato de que estes nomes são dados aos programas pelas próprias agências de viagens norte-americanas.

A terceira coluna é referente às agências de viagens organizadoras daqueles grupos especificamente. Apresento, lado a lado, a agência brasileira e a norte-americana. Nesta pesquisa trabalhei, como dito, basicamente com grupos provenientes de cinco agências no Rio de Janeiro: a Walpax, a BGT, a BIT, a Havas e a Blumar. Estas representam respectivamente, as agências norte-americanas: Consolidated, Trendsetters, Brazil Nuts, South Star Tours e Equator 3. É importante mencionar que estes não foram os únicos grupos de “negros” americanos que estas agências trouxeram ao Rio de Janeiro, são somente os que ficaram sob minha responsabilidade. Em nenhuma das agências mencionadas existe uma contagem do número total de turistas “negros” atendidos por elas neste período.

Da quarta à oitava coluna encontraremos dados numéricos sobre estes grupos dispostos da seguinte maneira: a quarta e a quinta colunas são, respectivamente, o número de homens e o percentual ao qual correspondem na composição de cada grupo; a sexta e a sétima colunas são o correspondente ao número de mulheres e o percentual que representam; e a nona coluna o número

⁷² Ver nomes dos grupos sob os números: 03, 04, 05, 07 e 17.

total correspondente de cada um dos grupos. As mulheres se provaram predominantes nestes grupos, nos quais podemos constatar que dos 655 turistas, 490 eram do sexo feminino, o equivalente a 74,8%. Este é um dado revelador, no sentido de indicar a probabilidade de existir, na demanda racializada dos “grupos étnicos”, uma orientação norteada pelo gênero feminino.



Fig. 07 – Composição majoritariamente feminina

No entanto, dentre os 18 grupos que foram acompanhados para este trabalho, todos tiveram as mesmas características, com exceção de um deles, que se mostrou diferente na sua composição, visto ter sido majoritariamente formado por homens. O “Gerena Carnival Group” de 2005, de número quinze na tabela, possuía 80% de seus participantes do sexo masculino, fator inversamente proporcional a todos os outros grupos do campo. Também foi o único que não possuía uma programação contínua; na realidade, teve somente

uma excursão, e foi onde os indícios de “turismo sexual” foram delatados por uma das passageiras do sexo feminino.

Para melhor entendermos esta diferença, mais adiante vou me dedicar a destrinçar um dos programas referentes aos grupos de turismo “étnico”, qual seja, o último grupo da tabela, por considerar que este seria um exemplo do padrão deste tipo de programa. Esta é uma estratégia que nos possibilitará visualizar melhor quais as representações articuladas pelos turistas que vêm ao Rio de Janeiro buscar suas referências “étnicas” na herança africana contida na cultura brasileira.

Ainda que o objetivo desta dissertação, no seu início, tivesse sido estritamente focalizar o universo dos grupos de “turismo étnico”, o trabalho de campo apontou a importância de delimitar também o universo do “turismo sexual”, pelo fato de parecer que este segundo estivesse sendo confundido com o primeiro. O intuito deste capítulo foi tentar esboçar os limites existentes entre estes dois universos distintos, a fim de propiciar uma melhor demarcação daquele ao qual este trabalho se refere em primeiro plano: o “turismo étnico”.